



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



"Bandidos ou mocinhos": uma análise da educação

Jesuíta no Brasil Colonial

Autor: Bruno Oliveira Santos[i]

Coautora: Karen Gomes Leite[ii]

Coautora: Mary Barreto Dória[iii]

Eixo: 11 – Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo:

O escopo desse trabalho é realizar de forma sucinta, uma análise do modelo educacional desenvolvido no Brasil pelos jesuítas, bem como, das influências deixadas por esses religiosos em nossa cultura. Foram realizadas leituras de vários autores como, por exemplo, Fernando de Azevedo, Lúcia Hilsdorf, Mário Manacorda, dentre outros. No decorrer dos estudos, constatamos que, a participação dessa ordem religiosa não se deteve apenas no campo missionário, ou seja, na catequização dos nativos, mas, também, na difusão da cultura europeia e principalmente no ensino das primeiras letras (ler, contar e escrever). Fugindo do risco de cometer um anacronismo, buscamos estudar a contribuição da ordem jesuítica para o desenvolvimento de um sistema organizado de ensino no Brasil durante o período colonial, levando em consideração as peculiaridades de seu tempo. Sendo assim, concluímos que a Companhia de Jesus foi de fundamental importância para a sistematização de um modelo hegemônico, corroborando assim, com os primeiros passos do ensino no Brasil.

Palavras Chaves: Educação; Jesuítas; Heróis.

Abstract:

The scope of this work is to perform succinctly, an analysis of the educational model developed in Brazil by the Jesuits as well as the influences left by these religious in our culture. Readings were taken from various authors such as Fernando de Azevedo, Lucia Hilsdorf, Mario Manacorda, among others. During the studies, we found that the participation of this religious order did not stop only in the mission field, or in catechizing the natives, but also the diffusion of European culture and especially in teaching the first letters (read, count and writing). Fleeing the risk of committing an anachronism, we sought to study the contribution of the Jesuit order to develop an organized system of education in Brazil during the colonial

period, taking into account the peculiarities of his time. Thus, we conclude that the Society of Jesus was of fundamental importance for the systematization of a hegemonic model, thus corroborating with the first steps of education in Brazil.

Key Words: Education; Jesuits; Heroes.

Breve histórico: do nascimento do cristianismo à formação da Companhia de Jesus

O cristianismo nasceu no Império Romano e, durante o governo de Teodósio, tornou-se a religião oficial.

Por volta do século V, a região foi invadida por vários povos germânicos. Os bárbaros, como eram chamados pelos romanos, eram atraídos pela possibilidade de riqueza. Em 476, o imperador Rômulo Augústulo foi deposto pelos Hérulos (um dos povos germânicos), dando fim ao Império Romano do Ocidente.

Com o fim do Império Romano, a Igreja passou a se fortalecer e por meio, de alianças com os germânicos, tornou-se a maior e mais poderosa instituição da Europa Ocidental. Nesse período, a maior parte das escolas (episcopais e paroquiais) era controlada pelo clero católico e no século XII, algumas dessas escolas deram origem às universidades. Essas escolas instruíam os alunos com princípios religiosos e literários (existia uma separação entre os ensinamentos religiosos e das ciências naturais).

No século XIV, a Europa passou por profundas transformações política, econômica, artística e científica. Esse período ficou marcado pela retomada de alguns valores da cultura clássica (humanismo, racionalismo, antropocentrismo, individualismo, racionalismo). A educação humanística era dualista, pois, essa pedagogia considerava a idade tenra da criança e também buscava educá-las de acordo com sua própria índole. Montaigne, pensador renascentista propôs que a educação deveria ser pautada na escolha do aluno. O renascimento foi um período de grande desenvolvimento científico e a educação era voltada para literatura grega, artes e ciência. Vale ressaltar que as tradicionais punições corporais foram deixadas de lado.

Os avanços dos valores humanistas culminaram posteriormente na Reforma Protestante. Essa reforma foi motivada pelo descontentamento com a Igreja Católica, o alto clero, levava uma vida de luxo, festas e promiscuidades, além disso, vendiam cargos religiosos e relíquias sagradas, esses fatos, acabaram por afasta-los dos fiéis.

Para conter os avanços do protestantismo, o papa Paulo III, se reuniu com a cúpula da Igreja Católica em um Concílio na cidade italiana de Trento. Em Trento, ficou estabelecida a necessidade de renovar o grupo dos cardeais, de criar seminários, universidades e colégios, bem como, de autorizar o funcionamento da Companhia de Jesus.

A escola e os livros foram temas amplamente discutidos no Concílio de Trento e como resposta ao protestantismo a Igreja Católica reorganizou suas escolas, regulamentando o ensino de gramática, das Sagradas Escrituras e da teologia:

“À parte os seminários para a formação do clero, o exemplo mais bem-sucedido de novas escolas para leigos, recomendado pelo Concílio de Trento, foi o das escolas dos jesuítas, campeões máximos na luta da Igreja Católica contra o protestantismo.” (MANACORDA, 2010).

A Companhia de Jesus (jesuítas) foi fundada por Inácio de Loyola em 1534 e oficializada pelo papa Paulo III em 1540. Inicialmente o objetivo era missionário, os membros dessa ordem queriam difundir a fé cristã na Ásia e Novo Mundo. No entanto, com o passar do tempo, os jesuítas desenvolveram uma notável

metodologia de ensino (a docência jesuítica foi sistematizada pela *Ratio Studiorum*, publicada em 1599). Essa ampliação do foco ocorreu em decorrência da percepção desses religiosos, pois, constataram que a forma mais eficaz de difundir os dogmas cristãos era através da educação de crianças.

A Companhia de Jesus no Brasil

A Companhia de Jesus chegou ao Brasil em 1549, chefiada pelo padre Manoel da Nóbrega durante a administração do governador geral Tomé de Souza. Esses missionários vieram com a incumbência de auxiliar os governadores gerais a “tomar posse e povoar a terra, converter os gentios e organizar o trabalho da população local” (HILSDORF, 2003).

Em consonância com essa afirmação, AZEVEDO escreveu:

“Eles formavam, pela sua rígida disciplina, na sociedade colonial, incoerente e fragmentária, um todo homogêneo e compacto, capaz de resistir às influências dissolventes e de estabelecer um *minimum* de unidade moral e espiritual entre colonos portugueses e os povos primitivos, assimilados à nova civilização.” (AZEVEDO, 1996)

A história dos jesuítas no Brasil foi dividida em dois momentos, o período heroico, marcado por características missionárias de fato e o segundo período que foi o de consolidação, marcado pela criação dos colégios (MATTOS, 1958).

O período heroico confunde-se com o evangelismo jesuítico, pois, muitos deles passaram a conviver nas aldeias com os indígenas, na tentativa de catequizá-los. Nesse primeiro momento, destacou-se a figura do padre Navarro, que aprendeu a língua tupi com o intuito de pregar para os aborígenes. Com decorrer do tempo, eles perceberam que esse trabalho não estava rendendo resultados permanentes, por isso, segundo HILSDORF, “os jesuítas alteraram, então, suas práticas”, ou seja, passaram a formar as casas de meninos.

Nas casas de meninos, era ensinado oralmente português, contar, tocar e a doutrina cristã. Somente os que seguiriam a vida do celibato, aprendiam a ler e escrever em português e a gramática em latim. No entanto, nesse primeiro momento, as escolas jesuíticas, apesar de gratuitas, não desempenhavam a contento seu papel, pois, segundo HILSDORF:

“Juridicamente os colégios deveriam receber alunos a título de atividade missionária, estando abertos a todos, mas, na prática, assumindo a ruptura da colônia, os jesuítas ficavam apenas com os alunos brancos, recusando os mestiços, mamelucos e índios, com a justificativa de que seu propósito era formar os padres da Companhia.” (HILSDORF, 2003)

O período de consolidação foi marcado pela fundação de colégios da ordem nas principais vilas da colônia. Esses religiosos encontraram na escola elementar uma aliada poderosa para a colonização:

“A igreja e a escola aparecem, na vida colonial, tão irmanada que não há aldeia de índios, nem vila ou cidade, no raio de ação missionária, em que, ao lado do templo católico (igreja, ermida ou capela), não se encontre ao menos a escola de ler e escrever para meninos.” (AZEVEDO, 1996)

Os jesuítas também foram responsáveis pelas instalações das primeiras bibliotecas brasileiras (presentes

nos colégios e nas casas desses missionários), dessa forma, foram eles os primeiros difusores de uma cultura letrada na terra dos tupiniquins:

“[...] os jesuítas, apóstolos e mestres, conquistaram lugar indisputável na evangelização dos índios e na educação da mocidade, contribuindo mais do que todos para a formação intelectual do Brasil na Colônia [...]” (AZEVEDO, 1996)

Com as discursões levantadas até aqui, ficou evidente que a história da educação brasileira está intimamente ligada em seus primórdios à história da atuação jesuíta, uma vez que, as primeiras instituições de ensino erguidas aqui foram realizadas pelos inicianos, um exemplo disso, foi colégio erguido em Salvador, primeiro colégio do Brasil (o padre Vicente Rodrigues era o mestre-escola). Os colégios da Companhia de Jesus ofereciam o plano de estudos definidos na *Ratio Studiorum*, de 1599, ou seja, os alunos tinham aulas de gramática latina, humanidades, retórica e filosofia. Vale ressaltar, que nesses colégios, eram aplicados métodos tradicionais de ensino, isto é, repetições, castigos físicos, repressão e exclusão.

Considerações finais

Os jesuítas, que chegaram ao Brasil com a finalidade de concretizar a colonização em 1549, acabaram se tornando os primeiros fornecedores de uma cultura letrada, corroborando assim de maneira significativa, para formação de uma nova identidade fundamentada na fé cristã.

As escolas primárias implantadas pelos inicianos contribuíram para a difusão do idioma português, uma vez que, mantinham as aulas de gramática dessa língua em todos os colégios da ordem. Além disso, muitos dos intelectuais que se destacaram durante o período colonial, foram educados nos colégios da Companhia, como por exemplo, Frei Vicente do Salvador, Gregório de Matos, Basílio da Gama e Alvarenga Peixoto, dentre outros.

A história da educação Brasileira está intimamente ligada à construção do próprio Estado Brasileiro. Segundo ARAUJO, a educação no século XVI era basicamente religiosa, feita pelos jesuítas; e o brasileiro, já no século XVII, lia razoavelmente, inclusive para além das leituras religiosas. No entanto, o perfil sociológico desse leitor era bem específico: leitor de extração rural ou burguês, de formação liberal, abastado e do sexo masculino, o que representa o início da educação formal como conhecemos hoje no Brasil, sem, no entanto, haver, ainda, um sistema educacional público e laico, havia apenas uma instrução ligada à religião para leitura dos textos bíblicos e catequese.

Com o surgimento da legislação Pombalina em meados do século XVIII, ocorre um paradoxo: “a união entre a fé cristã, a monarquia e o estado Moderno” (OLIVEIRA, 2010), base para a construção da Nação, do Estado brasileiro. Neste momento histórico, começa a haver uma relação entre o ensino das línguas estrangeiras e a instrução comercial, bem como a constituição e o fortalecimento da língua portuguesa como idioma nacional. É quando começam a surgir, também, as legislações voltadas para a educação no Brasil e a institucionalização da profissão docente.

Até o século XIX, a educação nacional funcionava como um instrumento de seleção e de classificação na sociedade. O regime no Brasil era de economia patriarcal e escravocrata e a educação era predominantemente doméstica e escolar. A cultura era antidemocrática, considerando-se que, de acordo com o princípio democrático “as ações do governo estão submetidas ao controle da vontade popular.” (NASCIMENTO, 1999) e havia também, nesta época, uma grande diferença de educação entre os dois sexos. Os professores não possuíam uma formação específica e somente depois de 1870 foram construídos os primeiros edifícios escolares. Mesmo que a intenção fosse democratizar o ensino, as suas bases continuavam elitistas em uma sociedade escravocrata, rural e machista (AZEVEDO, 1996).

Em relação à educação primária no Brasil do século XIX, ou Instrução Elementar “rudimentar (...) princípio básico, o elemento primeiro e do qual nada mais pode ser extraído do processo de instrução” (FARIA FILHO, 2000), no denominado período Imperial, os recentes estudos têm demonstrado que havia, em várias Províncias, uma intensa discussão acerca da necessidade de escolarização da população, sobretudo das chamadas “*camadas inferiores da sociedade*”, tais como: negros, índios e mulheres.

Durante as décadas iniciais do século XIX propunha-se pensar o primeiro nível da educação escolar, criando as “escolas de primeiras letras”. Após a proclamação da Independência no Brasil, a nação precisava se tornar governável, com suas leis e pessoas livres que as respeitassem. No intuito de produzir governabilidade, condições de governo, a educação poderia ser um dos mecanismos de ação sobre a população. Diversas leis foram criadas, embora muito pouco havia de continuidade das políticas, que eram consideradas feitos de governos e não políticas de Estado. Somente a partir dos anos 60 surge a ideia da necessidade de uma ‘instrução’ ou de uma ‘educação primária’; e em 1870, as ideias e experiências do educador suíço Jean-Henri-Pestalozzi, mudam as discussões na direção das “relações pedagógicas de ensino e de aprendizagem”. A instituição escolar começava a ser construída como um “vir a ser contínuo e em constante diálogo com outras instituições e estruturas sociais” (FARIA FILHO, 2000).

Neste período, ainda não havia espaços físicos específicos para as escolas e, de maneira geral, os processos educativos eram realizados em espaços improvisados, em casas alugadas, sendo o tempo das aulas de cerca de quatro horas divididas em duas seções. A educação pública estava apenas iniciando e ainda predominava uma grande rede de escolarização doméstica. Em muitos casos, os pais das crianças se reuniam e contratavam professores. A partir deste período, começa a ser difundida a importância da instrução escolar para a construção de uma nação civilizada e moderna, é quando são disseminados espaços específicos para a escola além da ideia de superioridade e de especificidade da educação escolar frente às outras estruturas sociais de formação e de socialização como a família e a Igreja. São diversos os fatores que influenciam tais mudanças de concepção, os de ordem político-cultural, pedagógica, científica e administrativa. Era preciso fortalecer as estruturas de poder estatais para a constituição dos estados modernos, de um povo ‘ordeiro’ e ‘civilizado’.

Em suma, acredita-se que as contribuições dos jesuítas para a educação e cultura brasileira são indiscutíveis. Evitando incorrer em um anacronismo, buscamos analisar as ações jesuíticas levando em consideração as intempéries do seu tempo, sendo assim, acreditamos que de fato, a participação dos jesuítas foi fundamental para o desenvolvimento da educação no Brasil. Dessa forma, chegamos à conclusão que os jesuítas não foram bandidos nem mocinhos, apenas sujeitos do seu tempo e, que corroboraram significativamente para o início da educação no Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ARAUJO, Jorge de Souza. **Perfil do Leitor Colonial**. UFBA: Salvador, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UNB, 1996.

BRESCIANI, Carlos (Org.) **Companhia de Jesus: 450 anos a serviço do povo brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1999.

FRANCA, Leonel, S. J. **O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum**. Rio de Janeiro: AGIR

GUIRALDELLI, J. P. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

HAUBERT, M. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Thompson Learning, 2003.

KLEIN, Luiz Fernando, S. J. **Atualidade da pedagogia jesuítica**. São Paulo: Loyola, 1997.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil: século XVI**. 2.ed. Lisboa: Ed. Portugal, 1938

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 2010.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da educação no Brasil: o período heroico. (1549-1570)**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1958.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A Cultura Ocultada**. UEL: Londrina, 1999.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo (org.). **A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira**. EDUFAL: Maceió, 2010

PAIVA, José Maria de. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, p. 43-59.

PRIORE, Mary Del. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA, Maria A. dos Santos. A educação pública antes da Independência. In: PALMA FILHO, J. C. (org). **Pedagogia Cidadã**. Cadernos de Formação; História da Educação. São Paulo: UNESP, 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1987.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da educação brasileira**. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

WREGE, Rachel S. **A educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia: uma leitura da obra de Serafim Leite**. Campinas: UNICAMP, 1993.

[i] Mestrando em Educação pela UNIT/TRANSEJA2/OBEDUC/CAPES. Membro do grupo de pesquisa cadastrado pelo CNPq: GPECS. E-mail: brunnolliver@outlook.com

[ii] Mestranda em Educação pela UNIT, psicóloga do Instituto Federal de Sergipe, integrante do grupo de pesquisa cadastrado pelo CNPq: NEPEPT. E-mail: karenpsi@ibest.com.br

[iii] Mestranda em Educação pela UNIT/PROCAPES. Membro do grupo de pesquisa cadastrado pelo CNPq: GPECS. E-mail: barretodoria@hotmail.com